



**O ENSINO DE ARTE NO BRASIL EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL:
UM ESTUDO PREAMBULAR SOBRE REVISÃO DE LITERATURA**

**ART EDUCATION IN BRAZIL FROM A DECOLONIAL PERSPECTIVE:
A PREAMBULAR STUDY ON LITERATURE REVIEW**

Jailson Valentim dos Santos¹
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Nádia da Cruz Senna²
Universidade Federal de Pelotas – UFPel
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO:

Este artigo apresenta um panorama de uma pesquisa em andamento, centrada na revisão da literatura sobre o Ensino de Arte no Brasil, a partir de uma perspectiva decolonial. Trata-se de um mapeamento da produção acadêmica, realizado por meio da análise de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em Programas de Pós-Graduação (PPGs) de universidades brasileiras, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com recorte temporal entre 2019 e 2024. A investigação adota uma abordagem qualitativa, incorporando procedimentos quantitativos tanto no levantamento bibliográfico quanto na organização, classificação e análise da produção intelectual relacionada à temática. Os resultados parciais indicam a urgência da decolonização do Ensino de Arte no Brasil, reafirmando a Arte/Educação como um campo de insurgência, resistência e construção de novas possibilidades epistêmicas, metodológicas e pedagógicas.

Palavras-chave: Pedagogias decoloniais. Epistemologias contra-hegemônicas. Saberes subalternizados.

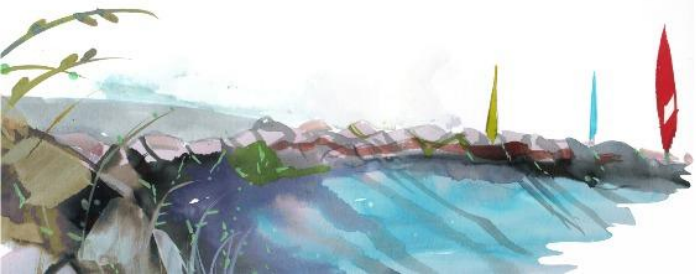
ABSTRACT:

This article presents an overview of an ongoing research project focused on a literature review of Art Education in Brazil, approached from a decolonial perspective. It involves a mapping of academic production through the analysis of master's dissertations and doctoral theses defended in Postgraduate Programs (PPGs) at Brazilian universities, available in the Capes thesis and dissertation database, covering the period from 2019 and 2024. The research adopts a qualitative approach, incorporating quantitative procedures for the bibliographic survey, as well as for the organization, classification, and analysis of the intellectual production related to the theme. Preliminary results point to the urgent need for decolonization of Art Education in Brazil, reinforcing Art/Education as a field of insurgency, resistance, and construction of new epistemic, methodological, and pedagogical possibilities.

Keywords: *Decolonial pedagogies. Counter-hegemonic epistemologies. Subaltern knowledges.*

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes/UFPel, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética. valentim8@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências da Comunicação, Professora Associada do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. nadiadacruzenna@gmail.com

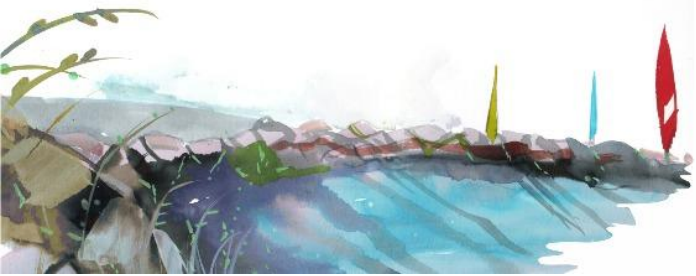


Introdução

Este artigo versa sobre o horizonte da pesquisa acadêmica realizada no âmbito do Ensino de Arte no Brasil, a partir de uma perspectiva decolonial. Trata-se de um mapeamento da produção acadêmica sistematizada e defendida por meio de dissertações de mestrados e teses de doutorados nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) das universidades brasileiras, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), abrangendo o recorte temporal dos anos de 2019 a 2024. A investigação possui viés qualitativo, incorporando procedimentos quantitativos tanto no levantamento bibliográfico quanto na organização, classificação e análise da respectiva produção intelectual.

Os estudos acadêmicos que envolvem revisão de literatura têm como objetivo analisar, compilar e sintetizar o conhecimento produzido sobre determinada temática ou campo de investigação. Esse tipo de inquirição pressupõe buscas sistemáticas e críticas em fontes bibliográficas diversas, como livros, artigos, teses, dissertações e outros documentos relevantes à produção científica. A finalidade é identificar tendências, lacunas, debates e avanços nas teorias e metodologias relacionadas ao tema abordado. A revisão bibliográfica permite ao pesquisador compreender o assunto de forma abrangente, oferecendo uma base sólida para o desenvolvimento de futuras investigações ou para a construção de novos paradigmas teóricos e metodológicos. Essa ferramenta configura-se como excelente ponto de partida para o aprofundamento do conhecimento e para a formulação de novos questionamentos, uma vez que resulta de uma investigação crítica e estruturada dos saberes existentes, revelando o estado da arte na produção acadêmica. Tal mapeamento abre caminhos para outras contribuições no campo, favorecendo o avanço da área científica.

Com o aumento da produção acadêmica no país e considerando as bases de dados brasileiras, constata-se um vasto campo disponível para investigações ancoradas em diferentes aportes teórico-metodológicos. No entanto, o presente levantamento



extremos

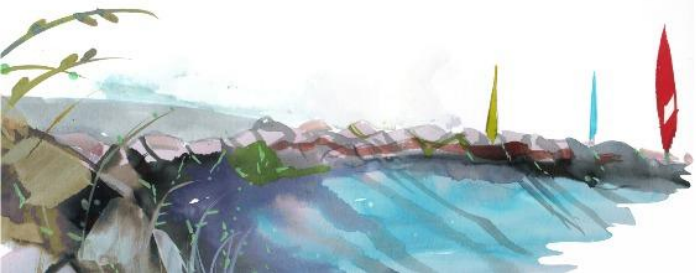
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

contempla, em seu recorte, produções acadêmicas cujos referenciais teórico-epistemológicos dialogam com o pensamento de autores brasileiros e do coletivo de intelectuais latino-americanos conhecido como Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), com ênfase na práxis pedagógica. A base teórica desse grupo está centrada na análise dos três eixos da colonialidade — poder, saber e ser —, propondo uma revisão crítica da epistemologia das ciências sociais e humanas e de seus efeitos nos contextos do Sul Global³ (Walsh, Oliveira, Candau, 2018).

O termo “pedagogia decolonial” (Walsh, 2013) foi cunhado nesse contexto e se refere às abordagens educativas que criticam e buscam superar o modelo educacional colonialista pela “desobediência epistêmica” (Mignolo, 2008). Sua proposta central consiste na descolonização do saber, reconhecendo e legitimando a construção de conhecimentos oriundos de outros contextos, para além das matrizes eurocêntrica e estadunidense. Destaca, assim, a importância de uma educação mais justa e plural, entendendo o ato de ensinar e aprender como uma prática política que assume posicionamentos, ou seja, a educação não é neutra, pois está imersa em relações de poder, como já afirmava Paulo Freire (1996).

As pedagogias decoloniais questionam e desestabilizam as estruturas de poder e de conhecimento instituídas pela colonização e que ainda persistem no tempo e no espaço por meio de forças colonialistas. Ao privilegiarem matrizes de saberes com epistemologias locais, indígenas, afrodescendentes e comunitárias, essas pedagogias promovem uma educação crítica, plural, antirracista e emancipatória. Dessa forma, ao denunciar o caráter universalista do conhecimento hegemônico, valorizam as diversidades culturais, as epistemologias marginalizadas e as formas não ocidentais de saber e fazer. Para Nego Bispo, um mundo pluriversalista, ou “diversal”, é “integrado por uma variedade de ecossistemas, idiomas, espécies e reinos” (Santos, 2023, p. 17). Por isso, torna-se crucial a defesa da legitimidade de

³ Esse termo é usado para se referir às regiões historicamente colonizadas, como a América Latina, África e Ásia.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

saberes, fazeres e afetos, bem como das artes, histórias e culturas dos povos latino-americanos, em uma lógica que abarca a pluralidade cultural.

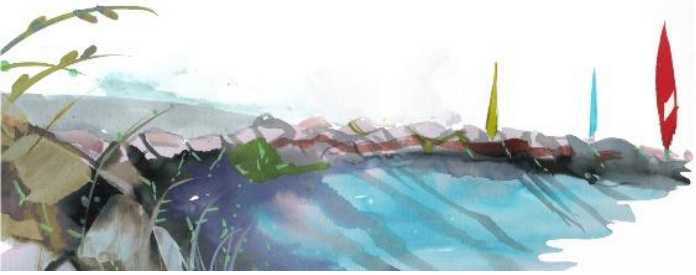
Na concepção de Mignolo (2021), a ideia de universalidade suplantou a pluriversalidade; no entanto, esta não foi extinta e pode se insurgir por meio de processos de “ressurgimento” e de “reexistência”. Para tanto, é essencial a desobediência epistêmica, proposta por Aníbal Quijano (1992) e reafirmada por Mignolo (2021), pois rompe com os padrões eurocêntricos que moldaram o pensamento moderno. Nas palavras do filósofo argentino:

Sem pensamento desobediente, não haveria nem desocidentalização e multipolaridade, nem decolonialidade e pluriversalidade. Se ambas as trajetórias são possíveis, é porque o pensamento de fronteira (epistemologia de fronteira) entrou em erupção e não pode mais ser controlado (Mignolo, 2021, p. 533).

Acredita-se que, dessa forma, é possível romper com o pensamento único, que define a verdade com base em uma concepção dominante: masculina, branca, rica, heterossexual, cristã, europeia e estadunidense.

As pedagogias decoloniais têm ganhado crescente relevância nos espaços formais e não formais de ensino no Brasil, em virtude da difusão de teorias e práticas que contestam o eurocentrismo e promovem uma educação libertadora, capaz de emancipar os sujeitos da dominação colonialista. É inegável a contribuição dos intelectuais latino-americanos vinculados ao Grupo Modernidade/Colonialidade⁴, em articulação com os estudos pós-coloniais e os estudos culturais afro-diaspóricos, que criticam o eurocentrismo enquanto estrutura de dominação ainda enraizada na sociedade, mesmo após o fim das relações coloniais. A decolonialidade, por sua vez, traz em seu cerne o enfrentamento epistêmico e político da colonialidade/modernidade, com vistas a valorizar saberes, fazeres e afetos diversos,

⁴ Alguns intelectuais desse grupo merecem destaque: o filósofo argentino Enrique Dussel; o sociólogo peruano Aníbal Quijano; o semiólogo e teórico cultural argentino Walter Mignolo; a socióloga-pedagoga norte-americana Catherine Walsh; o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres; o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel; o antropólogo colombiano Arturo Escobar; dentre outros.



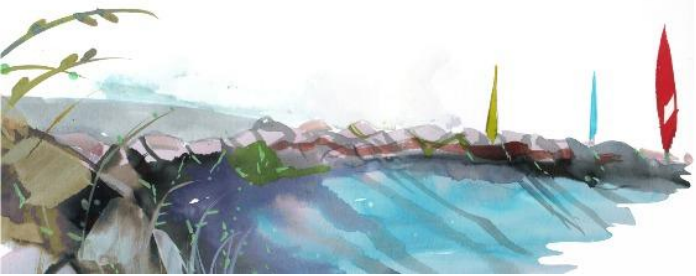
pertencentes a outras centralidades: indígenas, negras, feministas, periféricas, ciganas, ribeirinhas, LGBTQIAPN+, entre outras.

O objetivo deste artigo é compreender o Ensino de Arte Decolonial no Brasil, no âmbito das pesquisas acadêmicas, a fim de reunir subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado em andamento, que investiga o Ensino de Arte conectado aos saberes escolares e comunitários, realizada nos sertões do Seridó (RN) e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi realizado um levantamento quantitativo de dissertações de mestrado e teses de doutorado, priorizando trabalhos cujos referenciais contribuem para a compreensão da temática investigada.

A problemática que orienta a pesquisa busca compreender de que maneira as práticas artísticas escolares reproduzem ou rompem com a colonialidade do saber no contexto brasileiro. Para isso, foi realizado um levantamento de produções acadêmicas sobre o Ensino de Arte na perspectiva decolonial no Brasil, a partir da análise de dissertações e teses. A motivação da investigação surgiu da experiência profissional dos pesquisadores, ao longo dos últimos oito anos, no Seridó potiguar e paraibano – região que apresenta traços socioculturais singulares, refletidos na formação docente-artista e nas práticas educativas em sala de aula.

Como resultado, espera-se compreender de que forma o Ensino de Arte Decolonial no Brasil, especialmente nos sertões nordestinos, se abre ao diálogo com a diversidade cultural dos territórios. Interessa à pesquisa investigar como os pesquisadores do campo rompem com o modelo eurocêntrico de produção de conhecimento, encontrando sustentação em outras epistemologias. Tal movimento favorece o reconhecimento das identidades plurais dos estudantes, ao ocupar um lugar “fronteiriço”, capaz de transitar entre diferentes mundos e resistir aos discursos hegemônicos.

O Ensino de Arte no contexto nacional



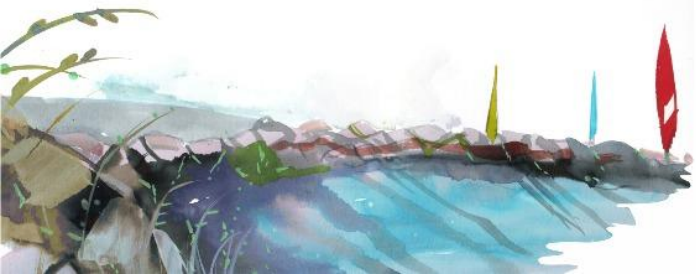
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

O Ensino de Arte no Brasil é fortemente influenciado pelas estruturas da colonialidade do poder, do saber e do ser, o que compromete, ao menos em parte, os processos de formação inicial e continuada de professores, bem como a atuação desses profissionais no contexto escolar. Moura (2019) argumenta que pensar a Arte/Educação sob a ótica da decolonialidade não significa deslegitimar os conhecimentos produzidos pela perspectiva europeia, mas sim distinguir essa produção de um horizonte eurocêntrico. Para o autor, “implica, necessariamente, legitimar os saberes em arte de matriz latino-americana”, potencializando questionamentos “anti-hegemônicos e anti-hierárquicos em favor do pensar/fazer/ser/sentir decolonial, compreendendo os lugares subalternizados como lugares de enunciação” (Moura, 2019, p. 33).

O ato de “sonhar”, “denunciar” e “anunciar” fez parte das práticas de Paulo Freire (1982), iniciadas na década de 1950 e mantidas ao longo de sua trajetória. Freire (1987) compreendia que o colonialismo oprimia e subalternizava os sujeitos. Sua luta consistia na conscientização dos oprimidos (o povo trabalhador), por meio de uma educação voltada à formação de cidadãos críticos e conscientes de sua realidade social. Acreditava na educação, nas artes e na cultura como instrumentos de transformação da sociedade. Trabalhou com os círculos de cultura, nos quais a realidade era problematizada em diálogo com a classe trabalhadora, valorizando o protagonismo popular como prática de superação das relações opressoras.

A experiência desenvolvida em Angicos (RN), conhecida como “As 40 horas de Angicos”, constituiu-se como um projeto de alfabetização de adultos de caráter anti-hegemônico, conduzido por Paulo Freire em 1963. Nessa iniciativa, a leitura de imagens foi utilizada como estratégia pedagógica para promover a reflexão crítica sobre a realidade dos trabalhadores potiguares. As imagens, encomendadas ao artista pernambucano Francisco Brennand (1927-1919), retratavam cenas da cultura popular e funcionavam como elementos disparadores de diálogos entre educadores e educandos, contribuindo para o desenvolvimento da consciência crítica.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A educação decolonial valoriza posturas como a do artista e filósofo brasileiro Ariano Suassuna (1927-2014), que criou, na década de 1970, o Movimento Armorial. O movimento articulava diversas expressões artísticas e culturais brasileiras, como literatura, música, artes plásticas, dança, teatro, arquitetura e cinema, com base nas matrizes populares. Alimentado pela cultura popular, esse Movimento foi legitimado no âmbito acadêmico, por meio do Departamento de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e tinha como objetivo a difusão e democratização da arte e cultura nordestinas. Suassuna, nascido em João Pessoa (PB) e criado em Taperoá, no Cariri paraibano, mantinha forte vínculo com sua terra natal, da qual extraía a dimensão simbólica, estética, ética e política que permeava sua obra. O Movimento Armorial rapidamente se expandiu de Pernambuco para o restante do Nordeste. Em suas palavras:

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das artes e espetáculos populares com esse mesmo romanceiro relacionados (Suassuna, 2007, p. 39).

As contribuições de Ana Mae Barbosa ao Ensino de Arte no Brasil são amplamente reconhecidas. A autora defende a arte como tecnologia social capaz de libertar os sujeitos da ignorância e da subalternidade. Embora não utilize explicitamente o termo “decolonialidade”, é possível identificar em seus escritos uma perspectiva alinhada a essa abordagem. Barbosa (1998) critica, por exemplo, a narrativa histórica que responsabiliza a França – e não Portugal – pela invasão cultural no Brasil. Em suas palavras: “Este é um dos inúmeros exemplos em nossa história do ensino de arte que podemos chamar de perturbação da consciência colonizada, derivada da confusão de papéis: colonizado *versus* colonizador” (Barbosa, 1998, p. 32).

Ao tratar da abordagem triangular⁵, Barbosa (2022) destaca seu potencial como instrumento decolonizador, sobretudo por meio do eixo da contextualização, cujas

⁵ A abordagem triangular é um sistema de Ensino de Arte sistematizado por Ana Mae Barbosa a partir da década de 1980. Essa proposta inter-relaciona o fazer artístico, a leitura da imagem e do objeto, e a contextualização, compreendida como a articulação entre a obra e seu campo de sentido. Trata-se



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

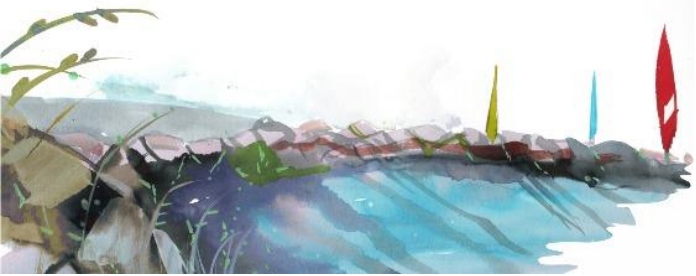
raízes remetem à obra de Paulo Freire. Para a autora, a abordagem triangular contribui para uma educação artística “libertadora da imaginação, estimuladora dos sonhos, consolidadora do pensamento crítico e descolonizador” (Barbosa, 2022, p. 163). A autora aproxima o conceito freiriano de “boniteza” à “contextualização” presente em sua proposta pedagógica, enfatizando o diálogo com os estudantes e a valorização de seus campos de referência, a partir das artes visuais. Em sua visão, o propósito freiriano consistia em ampliar conhecimentos, enriquecer a percepção e promover a conscientização dos educandos sobre o mundo em que vivem. Assim, “a experiência de ampliação de referências e da ação é o que ele [Freire] chamava BONITEZA” (Barbosa, 2022, p. 172).

A contextualização, nesse sentido, constitui um momento de ampliação das aprendizagens e do senso crítico, no qual o estudante toma consciência do entorno para, em seguida, reconhecer-se como sujeito histórico. Nas palavras da autora:

A contextualização também depende da escolha do professor em diálogo com a cultura dos alunos e a cultura dos outros, as muitas disciplinas que estudam outras Artes, o social, a imaginação humana, o meio ambiente, as ciências, a linguagem discursiva e todo um complexo conhecimento que a imagem pede no seu processo de significar para os indivíduos e os grupos leitores. A contextualização é “inter”, é a porta aberta para a interdisciplinaridade, a interculturalidade e a interação (Barbosa, 2022, p. 172).

Barbora (2022, p. 173) ainda afirma que “destruir a história do colonizado sempre foi o caminho mais fácil de dominação colonizadora”. A solidez e coerência intelectual de pensadores como Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e Ariano Suassuna os mantêm como referências fundamentais para a construção de novos horizontes teóricos no Ensino de Arte no Brasil. Seus aportes oferecem subsídios essenciais à resistência frente à colonialidade do poder, do saber e do ser, apontando para um Ensino de Arte comprometido com a emancipação dos sujeitos, em consonância com os princípios da educação libertadora.

de um modelo que propõe o ver, o fazer e o contextualizar de forma integrada, sem hierarquias. Não se refere a disciplinas isoladas, mas a processos interconectados de aprendizagem.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Este estudo, ao sintetizar o conhecimento acumulado sobre o Ensino de Arte no Brasil sob uma perspectiva decolonial, possibilitou não apenas o mapeamento da produção acadêmica recente, mas também a identificação da emergência e consolidação de epistemologias insurgentes no campo da Arte/Educação. A partir da análise sistemática de dissertações e teses defendidas entre 2019 e 2024, constatou-se que a perspectiva decolonial vem se firmando como uma orientação teórica, metodológica e política essencial para tensionar os limites da atuação docente e expandir os horizontes da produção de conhecimento na área.

Inicialmente, a busca foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando o descritor “Arte-Educação”, o que resultou na identificação de 1.337 trabalhos, sendo 887 dissertações de mestrado e 226 teses de doutorado. Em seguida, a pesquisa foi refinada com o filtro “Educação Decolonial”, resultando na identificação de 46 dissertações e 19 teses dentro do recorte temporal estabelecido. Esse procedimento metodológico permitiu identificar o movimento da pesquisa em nível nacional, evidenciando o Ensino de Arte em contextos comunitários sob uma perspectiva decolonial.

Nos trabalhos analisados, a decolonialidade é apresentada como um conceito teórico e político que visa superar os três eixos estruturantes da colonialidade: poder, saber e ser. Ela implica a ruptura com os padrões coloniais ainda presentes em diversas esferas sociais, sustentados pelas estruturas do colonialismo. Nesse cenário, as pedagogias decoloniais surgem como alternativas que valorizam epistemologias locais, saberes subalternizados e práticas culturais historicamente invisibilizadas. A produção acadêmica examinada revela um movimento de resistência e reexistência, que busca romper com a centralidade do eurocentrismo na formação docente e nas práticas pedagógicas no campo das Artes.

Embora ainda em processo de consolidação, o levantamento demonstrou a presença significativa de investigações que articulam o Ensino de Arte a epistemologias decoloniais, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural brasileira –



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

especialmente das expressões indígenas, afro-diaspóricas, ciganas, ribeirinhas, periféricas e LGBTQIAPN+, como aquelas presentes nos sertões nordestinos. Essa pluralidade de saberes e fazeres constitui uma fonte legítima de conhecimento, com potencial para impulsionar práticas educativas críticas e transformadoras. Esse movimento dialoga com a urgência de uma educação mais justa, plural e comprometida com a emancipação dos sujeitos, como defendem Paulo Freire, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, María Lugones, entre outros, ao ampliarem o debate sobre raça, classe, gênero e geopolítica.

As práticas decoloniais tornam-se, assim, ferramentas cruciais para desafiar o eurocentrismo, tanto no campo epistemológico quanto no cotidiano escolar. Elas se manifestam na inserção de saberes de grupos subalternizados no currículo, tensionando estruturas de poder e viabilizando uma proposta pedagógica descolonizadora. A valorização de línguas e tradições ancestrais, somada aos saberes e fazeres das comunidades, compõem uma estratégia fundamental de ruptura com o cânone eurocêntrico.

Por fim, o enfrentamento ao patriarcado e ao racismo – práticas estruturalmente arraigadas na sociedade brasileira – tem sido conduzido com coragem pelos movimentos feministas decoloniais (Gonzalez, 2020; Hooks, 2018). O sistema capitalista, que reduz tudo a mercadoria, é desestabilizado por práticas de economia solidária, fundadas em experiências comunitárias que rompem com a lógica binária de mercado entre produtor e consumidor.

Considerações finais

As práticas artísticas escolares no Brasil oscilam entre a reprodução e o rompimento com a colonialidade do saber, a depender das intencionalidades pedagógicas, das políticas curriculares e das vivências culturais que atravessam o contexto educacional. Em muitos casos, observa-se uma forte tendência à reprodução de modelos



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

eurocêntricos, nos quais as referências artísticas privilegiadas são aquelas legitimadas por instituições ocidentais — como museus, cânones da arte europeia e linguagens formais —, silenciando as expressões populares, indígenas, afro-brasileiras, periféricas e LGBTQIAPN+. Tal abordagem contribui para a manutenção da colonialidade, ao desvalorizar saberes locais, desconsiderar os territórios e reforçar hierarquias culturais impostas historicamente pela colonização.

Por outro lado, práticas artísticas engajadas e comprometidas com a escuta das comunidades, o reconhecimento dos saberes ancestrais e a valorização das múltiplas formas de expressão — especialmente aquelas produzidas nos territórios indígenas, quilombolas, sertanejos e urbanos populares — podem romper com essa lógica colonial. Ao promover o diálogo entre os conhecimentos escolares e os saberes oriundos da experiência, da oralidade, da espiritualidade e da resistência, o Ensino de Arte torna-se um espaço potente para a decolonização do currículo.

O rompimento com a colonialidade do saber nas aulas de Arte, portanto, não ocorre de forma automática. Ele exige uma postura crítica por parte dos educadores, a revisão das matrizes curriculares e a abertura para escutar e legitimar outras epistemologias — visuais, sonoras, corporais, simbólicas — que emergem do chão onde a escola está inserida. É nesse gesto político e poético que a arte escolar pode se afirmar como um território de reexistência.

Destaca-se que esta investigação, ao revisitar criticamente a produção acadêmica recente, contribui para o aprofundamento do debate sobre a necessidade de descolonizar o Ensino de Arte no Brasil, fortalecendo a Arte/Educação como um campo de insurgência, resistência e construção de novas possibilidades epistêmicas, metodológicas e pedagógicas. Espera-se que os resultados deste estudo possam inspirar novas pesquisas e práticas comprometidas com a diversidade cultural e epistemológica do país, reafirmando o papel da arte como potência formativa e política na luta por uma educação decolonial e, portanto, libertadora.



Referências

- BARBOSA, Ana Mae. Lutas pela decolonização da Arte e da Educação. In: *Revista VIS - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPG-AV/UnB - Vol. 21, n. 2, jul/dez 2022.*
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, W. (Comp.) *Género y descolonialidad: 13-54*. Buenos Aires: Duke University/Ediciones del Signo, 2008.
- MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.
- MIGNOLO, Walter. *The politics of decolonial investigations*. Durham: Duke University Press, 2021.
- MOURA, Eduardo Junio Santos. Arte/Educação Decolonial na América Latina. In: *Cadernos de estudos culturais*. Campo Grande, MS, v. 1, nº 21. Abr, 2019.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- WALSH, Catherine.; OLIVEIRA, Luiz F.; CANDAU, Vera M. *Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra*. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, V. 26 n.83, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874> [Acessado em 10 de maio 2025].